

CARTAS EXTRAORDINÁRIAS
(a correspondência inesquecível de pessoas notáveis –
org. Shaun Usher. São Paulo : Cia. das Letras, 2014, reimpr. 2017)

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

“Mas também todos os que se dedicam
seriamente à ciência acabam se convencendo
de que um espírito infinitamente superior ao espírito
humano se manifesta nas leis do universo.
Assim, o trabalho científico leva a um tipo especial
de sentimento religioso que certamente é muito
diferente da religiosidade de um indivíduo mais ingênuo.”
(Carta de Albert Einstein, ob. cit. p. 329)

Tenho escrito sobre as cartas pelo correio vários textos, dos quais a APMP tem divulgado alguns: “Drummond & Alceu (Correspondência postal)”, em 10/8/16; “As cartas pelo correio” (21/10/16); “A independência mental de Alceu Amoroso Lima”, em 14/8/15 (que termina com citação do livro *O canto na fogueira*, contendo as cartas de três dominicanos quando em cárcere político: Fr. Fernando, Fr. Ivo e Fr. Betto).

Acabo de receber do meu amigo e concunhado José Expedicto Prata, neste Natal, o livro em epígrafe, de que antes eu não tivera notícia. Formato maior, com aparência de número de páginas superior às suas reais 368 pp.

Na orelha da capa inicial, ótimo resumo, de que destaco o início: “Do comovente bilhete suicida de Virginia Woolf à receita de *scones* que a rainha Elizabeth II enviou ao presidente norte-americano Eisenhower; do pedido especial que Fidel Castro, aos catorze anos de idade, fez a Franklin D. Roosevelt à carta em que Gandhi suplica a Hitler que tenha calma; e da bela carta em que Iggy Pop dá conselhos valiosos a uma fã atormentada ao genial pedido de emprego de Leonardo da Vinci: *Cartas extraordinárias* é uma celebração do poder da correspondência escrita, que captura o humor, a seriedade e o brilhantismo que fazem parte da vida de todos nós.”

O livro enumera as 125 cartas, algumas de famosos, outras de nem tão famosos, incluindo-se fac-símiles, traduções, fotos e documentos.

O scone da receita contida na carta da rainha Elizabeth II ao então Presidente Eisenhower é traduzido por Antônio Houaiss como “bolo leve de farinha de trigo ou aveia cozido em chapa de ferro”.

Horas antes de ser executada, Maria Stuart escreveu a carta da p. 25 para Henrique III da França.

Também Virginia Woolf escreveu ao seu marido, Leonard, sobre sua morte (p. 49).

Bem humorada é a carta de Groucho Marx para Woody Allen, em 22/3/67 (p. 50).

Outra carta, de n. 15, merece destaque: de Patrick Hitler para o Presidente dos EUA Franklin D. Roosevelt, tentando servir às forças armadas norte-americanas. Em síntese, *Hitler que vá para o inferno*.

Há bom humor na carta de Louis Armstrong para o Cabo Villec, em 1967 (p. 61).

Maior destaque merece a carta de Fidel Castro, em novembro de 1940, ao Presidente Roosevelt. Trecho da carta: “Se for do seu agrado, mande-me uma nota verde americana de dez dólares, na carta, porque eu nunca vi uma nota verde americana de dez dólares e gostaria muito de ter uma”. Informa-se que a “resposta-padrão” não incluiu o dinheiro solicitado (p. 68).

Tal correspondência até faz lembrar certa prática que já existiu, há muitos anos, entre nós. De posse de uma lista telefônica de N. York ou outra cidade grande dos EUA e com tempo de sobra, alguns moradores do nosso país escreviam aos americanos com endereço na lista telefônica remetendo uma nota de um cruzeiro, aquela com o retrato do Tamandaré, e pedindo que o destinatário enviasse ao remetente também uma nota de um dólar. Como este custava bem mais do que o cruzeiro, a prática devia apresentar resultado proveitoso para o remetente daqui.

Certo garoto de 8 anos, em 12 de julho de 1973, escreveu ao presidente Nixon: “Eu soube que o senhor está com pneumonia. Saí do hospital ontem e estava com pneumonia e espero que o senhor não tenha pegado pneumonia de mim. Agora o senhor tem de ser um bom menino e tem de comer a verdura assim como eu tive! Se o senhor tomar o remédio e as injeções, vai sair em oito dias como eu.” (p. 81)

Em 1967, Spencer Tracy, ator de Hollywood (segundo informação por mim lida na Igreja de São Malaquias, na 49th Street de N. York, ele era um dos astros católicos de Hollywood que frequentavam aquela igreja, quando iam a N. York, cf. meu livro *As Grandes Conversões*. São Paulo : 2011, WKM Ed. p. 25), morreu após ataque cardíaco, na casa que ele dividia com sua companheira Katharine Hepburn, como ele também muito premiada. A carta de pp. 104/105 foi escrita pela companheira dezoito anos após a morte de Tracy.

A carta de n. 37, de Clementine Churchill ao marido, Winston Churchill, contém advertência para que ele tome certos cuidados nos relacionamentos do cargo de governo que ocupa.

Nem falta carta do escritor Jack Kerouac ao ator Marlon Brando, na tentativa de influenciá-lo na possível filmagem do seu livro *On the Road* (p. 128).

Talvez a carta mais trágica (pp. 132/133): do soldado desertor ao general Eisenhower suplicando perdão: “Foi inútil, pois o futuro presidente ordenou sua execução.”

Depois da trágica morte do ator James Dean, em 30/9/55, os familiares deste receberam a carta surpreendente de Stewart Stern, “amigo de Dean e roteirista de *Juventude Transviada*”.

Entre os poetas da minha predileção, inclui-se Emily Dickinson: Só depois que ela “faleceu, em 1886, seus parentes e amigos perceberam a grandeza de sua profunda poesia e

passaram a admirá-la; até então, muitos apenas vislumbravam seu talento nas cartas poéticas que ela lhes enviava.” (p. 146)

Talvez a carta mais estranha (53ª): “Você está perto do fim” – “de um desconhecido para Martin Luther King Jr. (nov. 1964). Temendo possível relação de Luther King com o Partido Comunista, “o FBI enviou-lhe esta carta assustadora, juntamente com uma gravação de supostos encontros de King com mulheres em diversos quartos de hotel – fruto de uma investigação de nove meses conduzida pelo agente William C. Sullivan. King interpretou-a como um convite ao suicídio; anos depois, em 1976, um inquérito oficial levado a cabo pela Câmara dos Deputados concluiu, em seu Relatório da Comissão Especial sobre Assassinatos, que a carta ‘claramente propunha o suicídio como uma opção adequada para o dr. King.’” (p. 148)

A carta de Francis Crick a Michael Crick, versando a descoberta da estrutura do DNA, tornar-se-ia a mais cara da história, em abril de 2013, “ao ser vendida em leilão por 5,3 milhões de dólares”. (p. 150)

Segue-se carta de Leonardo da Vinci para Ludovico Sforza, à procura de emprego (pp. 160/162).

Não falta carta de Elvis Presley ao Presidente dos EUA, Richard Nixon (pp. 164 e ss.).

Em seguida, a carta de Fiódor Dostoievski para Mikhail Dostoievski, seu irmão, narrando a experiência de sobreviver ao pelotão de fuzilamento, em 22/12/1849.

O jogador de beisebol talentosíssimo, Jackie Robinson, em 1958, “enviou esta carta vigorosa ao presidente Eisenhower, “que pronunciara um discurso exortando os negros a ter paciência em sua luta pelos direitos civis” (p. 174).

Outra raridade, à p. 177: “Em 2 de agosto de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, a lancha-torpedeiro PT-109, comandada pelo futuro presidente John F. Kennedy, foi abalroada pelo destróier japonês Amagiri e partiu-se ao meio; dois de seus tripulantes morreram. Os sobreviventes conseguiram chegar às ilhas Salomão, onde, seis dias depois, Kennedy inscreveu um recado desesperado numa casca de coco e pediu aos nativos Buku Gasa e Eroni Kumana que a levassem à base aliada mais próxima, situada a mais de 65 quilômetros dali.”

Sobre a morte do escritor Aldous Huxley, sua esposa Laura escreveu carta a Julian e Juliette, irmão e cunhada de Aldous (pp. 184 e ss.).

Também não falta certa carta do escritor Kurt Vonnegut a McCarthy, a propósito da proibição do seu livro antibélico *Matadouro cinco*, no colégio dirigido por McCarthy (pp. 210/211)

Depois de perder filho, filha e esposa, em poucos anos, o escritor Mark Twain, em 1905, recebeu “uma carta e um panfleto de um vendedor do ‘Elixir da vida’, um remédio supostamente mágico”. O mínimo que consta da breve carta do autor de *As aventuras de Huckleberry Finn* é bem ofensivo, para dizer o mínimo (p. 212).

Pois Mario Puzo, autor do livro *O Poderoso Chefão*, escreveu carta, oferecendo tal papel, no cinema, ao ator Marlon Brando (p. 219).

A carta n. 78 é da atriz Bette Davis para sua filha, que escrevera livro desfavorável à sua mãe.

Segue-se carta de Hemingway para F. Scott Fitzgerald, com “valiosos conselhos para escritores de todo o mundo”.

Carta n. 83, de 36 escritores americanos, em 16/11/38. Diante da “Noite dos cristais”, em 1938, na Alemanha de Hitler, um grupo de 36 escritores americanos “enviou um enérgico telegrama ao presidente Franklin D. Roosevelt, exigindo o rompimento de todas as relações com a Alemanha nazista”.

A carta n. 87 corresponde ao testamento deixado por Beethoven para seus irmãos.

A carta de p. 274 é de Frederic Flom para o comediante Bob Hope, agradecendo o imenso trabalho deste em favor dos prisioneiros de guerra dos EUA.

Não falta carta de Alec Guinness para Anne Kaufman com comentários sobre “diálogos idiotas” de filmes então recentes (p. 276)

Muito pessoal a carta de Rebecca West para H. G. Wells, em 1913 (p. 282)

À p. 283, carta de Ronald Reagan para Michael Reagan, filho daquele, a cujo casamento Ronald não pôde comparecer, em 1971.

Dos mais breves textos, se não o mais breve, à p. 294: “Estamos afundando rapidamente passageiros sendo embarcados em escaler”, do *Titanic* para o *SS Birma* (15/4/1912)

Certa carta faz lembrar o filme “O Resgate do Soldado Ryan”: “Foi duro dar cinco filhos para a Marinha”, de Alleta Sullivan para a Marinha americana, em janeiro de 1943. Com resposta do Presidente Roosevelt que salienta: “O Departamento da Marinha me informou que era a vontade expressa de seus filhos... servir no mesmo navio”. Após referência a grandes homenagens à família, a expressão da vontade do grande Presidente norte-americano: “Envio-lhe meus mais sinceros pêsames nesse momento de dor e rogo a Deus Todo-Poderoso que encontrem o conforto e a ajuda que só Ele pode lhes dar.” (p. 306)

Segue-se carta do grande escritor John Steinbeck ao filho Thomas, em 10/11/58, quatro anos antes do Nobel de Literatura para aquele. Foi então que este escreveu aos pais, “falando de Susan, uma menina pela qual acreditava estar apaixonado. Steinbeck respondeu de imediato com uma carta maravilhosa sobre o amor que não poderia ser mais adequada.” (p. 307)

“Praticamente nada”, repete o editor Arthur C. Fifield, a Gertrude Stein, recusando texto desta para publicação (pp. 318/319)

A propósito da pergunta de Phyllis a Albert Einstein: CIENTISTAS REZAM?

ÌNTEGRA DA RESPOSTA DO GRANDE FÍSICO (em 24/1/1936):

“Vou tentar responder sua pergunta da maneira mais simples possível. Minha resposta é a seguinte:

Os cientistas acreditam que toda ocorrência, incluindo os fatos da vida humana, deve-se às leis da natureza. Portanto, não acreditam que a oração, ou seja, um desejo manifesto sobrenaturalmente, tenha a capacidade de alterar o curso dos acontecimentos.

Contudo, devemos admitir que nosso conhecimento dessas forças ainda é imperfeito, de modo que a crença na existência de um espírito supremo repousa numa espécie de fé. Essa crença ainda é muito comum, apesar dos avanços da ciência.

Mas também todos os que se dedicam seriamente à ciência acabam se convencendo de que um espírito infinitamente superior ao espírito humano se manifesta nas leis do universo. Assim, o trabalho científico leva a um tipo especial de sentimento religioso que certamente é muito diferente da religiosidade de um indivíduo mais ingênuo.

Cordiais saudações, A. Einstein.”

Houve, em 23/7/1939, carta de Gandhi a Hitler, em apelo para este “evitar a guerra” já tão temida desde os tempos que antecederam a dupla invasão da Polônia pela Alemanha e União Soviética (esta só se tornaria aliada da Inglaterra e EUA, quando Hitler, ignorando o pacto Molotov-Ribentrop, invadiu a URSS). A carta de Gandhi não teria chegado a Hitler. Também não adiantaria se tivesse chegado.

Mark Twain escreveu carta de congratulação a Walt Whitman, em maio de 1889, “quatro páginas de amor ao engenho humano contemporâneo do poeta”. (p. 337)

Einstein voltaria a escrever, desta vez ao Presidente Roosevelt, a propósito da pesquisa com urânio para a construção de bomba atômica. Carta de que seu autor teria ficado arrependido (p. 342).

Para encerramento da coleção de cartas do livro comentado, a de Zelda para Scott Fitzgerald; a de Oscar Wilde para Bernulf Clegg; a de Mick Jagger a Andy Warhol e a de Kurt Vonnegut Jr. para sua família, narrando os horrores da sua experiência de prisioneiro da segunda guerra, no matadouro subterrâneo, que os alemães chamavam de Matadouro Cinco.

“

